VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO I — N.º 25 — 6 DE NOVEMBRO DE 1941

NA VASTA PRAÇA, os soldados formom, momentos antes de partirem para terra portuguesa apartada da Metrópole pelo Oceano. A bandeira e a «mascotte» do regimento seguem à frente. É o momento culminante da despedida e do agradecimento de Lisboa, capital do Império, àquêles que, lá longe, vão afirmar uma soberania e mostrar uma vontade forte, decisiva, que não aliena, nem esquece as parcelas de terra portuguesa espalhadas por todo o Mundo.

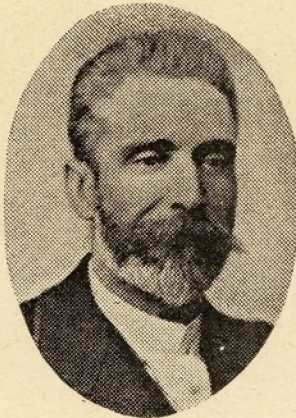
Como eu vi BAZILIO TELLES

Uma entrevista inédita por Luiz de Oliveira Guimarães

À véspera da minha partida para o Pôrto, Luís Derouet a quem eu manifestara o propósito de entrevistar Basílio Telles tinha-me afirmado, com sorridente convicção: — «Prepare-se para entrar pela janela porque êle não abre a porta a ninguém».

Já no Pôrto, duas ou três pessoas, conhecedoras do meu desejo, asseveraram-me, franzindo o nariz: — «Entrevistar o Basílio Telles? Não pense nisso. O Basílio está inatacável, mesmo pela janela!

Apesar dêstes presságios pouco animadores não desisti. Um belo dia, depois do almôço, escrevi uma dedicatória num dos meus livros, revesti-me ao mesmo tempo, de audácia e de paciência — duas coisas que, longe de se hostilizarem, se completam — saí do hotel, meti-me no eléctrico e dirigi-me a Matozinhos onde o conhecido economista vivia na sua gruta — como êle lhe chamava — afastado do mundo e dos homens, na perturbadora ilusão da sua inutilidade.

De facto, Basílio Telles exilára-se. Com mêdo de encontrar gente conhecida, raramente saía. Com o horror de que o fôssem buscar para ministro, não abria a porta a ninguém. Passava os dias embrulhado num varino, um barrete enfiado na cabeça, os pés sob uma réstea de sol, lendo, escrevendo, pensando, recordando. Os seus artigos do «Janeiro», mesmo ao abordarem árduos problemas económicos e financeiros, constituiam evocações saudosas. Refugiado no seu idealismo, cada vez mais distante dêsse «delírio da praça pública» de que falava Nieztche, era frequente ouvi-lo fazer se lhe lembravam a utilidade do seu conselho e da sua voz: «Não sei nada. Não quero nada. Não faço coisa alguma. Partam do princípio que eu já morri!»

BAZILIO TELLES

Por tudo isto, confesso que, ao bater à porta do autor da «Vida no Campo», eu não acalentava grandes esperanças àcêrca do êxito da minha emprêsa. Depois de ter batido duas ou três vezes, uma janela abriu-se e uma velhota assomou:

— Que deseja?

— Desejava entregar pessoalmente um livro ao sr. Basílio Telles...

— E quem é o senhor?

Declinei tìmidamente o meu nome. A janela fechou-se, esperei alguns momentos na rua e, acabava de acender um cigarro, excelente companheiro destas aventuras, quando a porta se abriu e a mesma velhota apareceu:

— Faça favor de entrar.

Foi tal a minha surprêsa que, ao entrar, tropecei no degrau. Não tardou que eu me encontrasse num pequeno gabinete de trabalho pobremente mobilado — uma mesa, algumas estantes, duas ou três cadeiras — onde Basílio Telles, por uma porta à esquerda, quási logo surgiu. Estou a vê-lo, com o seu ar sombrio e fatigado, a barbicha branca vagamente à «Guise», o bigode amarelo crestado do cigarro, o fato coçado cheio de nódoas que a luz tornava mais vivas, avançar para mim, estender-me a mão e exclamar num sorridente cepticismo:

— Tenho lido coisas suas. O senhor é uma pessoa alegre. Recebi-o porque tenho a certeza de que não me vem entrevistar...

Devo ter empalidecido. Pedi então licença para lhe oferecer o livro que trazia. Basílio Telles abriu-o, ao acaso, verificou que eram versos e disse-me, abanando a cabeça:

— Versos! Também os fiz nos meus tempos de rapaz. Coisa excelente, quando se tem vinte anos! Depois veem as realidades, as desilusões, a neve dos primeiros cabelos brancos; à nossa volta murcham as flores mesmo de retórica; e o próprio sol da manhã parece transformar-se em cinza crepuscular. Quere um conselho: faça literatura — mas nunca se meta na política. Não conheço nada que dissipe tanto os nossos sonhos. Eu sou a êsse respeito um tratado completo. Em 1910, coube-me a mim, e a alguns outros, o mandato imperativo da Revolução. Seria uma grande árvore frondosa que daria sombra e fruto a Portugal inteiro. Ilusão que a realidade logo desvaneceu no meu espírito. O que porventura existe de bom e de generoso nas revoluções não são, em regra, os homens que as fazem: são as idéias que os inspiram. As idéias da Revolução eram belas e nobres: os homens comprometeram-nas. A função social e espiritual da República era a paz. Pois bem. A cada esquina parece ter havido o propósito de erguer moralmente uma fôrca. Em 5 de Outubro, indicaram-me para a pasta das Finanças. Previ tudo — e declinei. Outros que ambicionavam o poder pelo poder não o detiveram senão transitòriamente para cair dêle — e até quantos sem estrondo! Pela parte que me toca, meti-me em casa, aferrolhei a porta, refugiei-me nos meus livros, e nunca adormeço sem ter à cabeceira um volume de Voltaire — e um varapau...

Ri-me. Depois, a conversa dispersou-se. Por uma janela entreaberta luzia o sol da tarde. Preparei-me para sair.

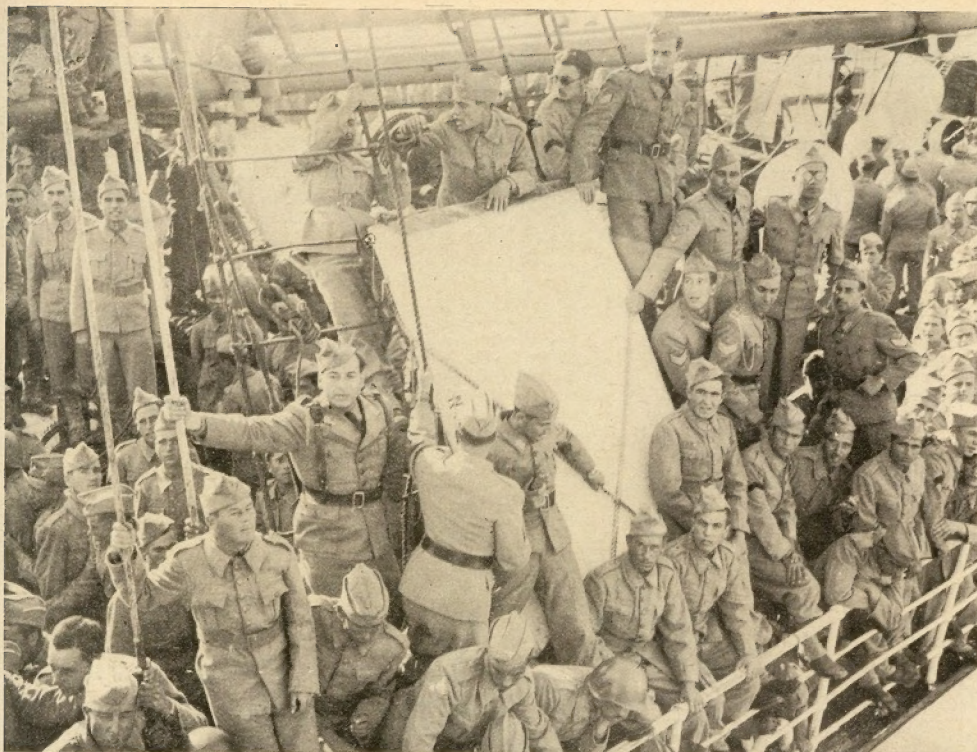
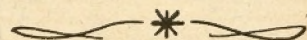
— Tudo o que eu lhe disse fica entre nós. Eu hoje sou apenas uma sombra, e as sombras podem mover-se — mas não falar...

E, já à saída, apertando-me a mão:

— Ou se quizer escreva um dia uma crónica amena sôbre tudo isto. O infortúnio também tem o seu humorismo...

Ao escrever estas palavras pregunto a mim mesmo se o que aí fica será, na verdade, a crónica amena de que falava Basílio Telles.

(Do livro DIZE TU, DIREI EU, a sair brevemente, em edição da **Vida Mundial**)

LISBOA, CIDADE FLORIDA, vive agora a hora das flores da saùdade — o crisantemo. Nos hospitais civis e nas montras dos estabelecimentos da rua Augusta, estiveram em exposição lindos exemplares. À esquerda, o enfermeiro-mor dos hospitais, com médicos e pessoal; e, à direita, os srs. governador civil e presidente do Município na inauguração das exposições que foram feitas sob o patrocínio, respectivamente, do sr. coronel Nepomuceno de Freitas, da Câmara Municipal e do S. P. N.

Embarque de mais tropas do continente para as ilhas adjacentes

DOIS NOVOS CONTINGENTES DE TROPAS PARTIRAM PARA OS AÇÔRES, em refôrço da guarnição local. Desta vez, foram fôrças militares do Alentejo que partiram no «Niassa» após a formatura que precedeu o embarque e se efectuou no Terreiro do Paço, onde os soldados chegaram às 8 horas da manhã de quinta-feira passada, depois de muito aclamados pela população nas ruas do trajecto. Damos nesta página alguns aspectos da formatura e do desfile e um instantâneo dos soldados já a bordo. Em baixo, à esquerda, o sr. dr. Oliveira Salazar, acompanhado pelo sr. subsecretário de Estado da Guerra, despedindo-se do comandante das fôrças, após ter passado revista às tropas e assistido ao desfile.

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

VESTIR uma mulher é qualquer coisa de grave, de complexo e, com freqüência, de exorbitante. Para vestir uma mulher são necessárias, pelo menos, três condições: dinheiro, gôsto e paciência. Sem estes três elementos pode tapar-se um corpo de mulher — mas não se veste êsse corpo. Tapar é uma realidade; vestir — é um sonho. Entretanto — preguntar-se-á — como devemos encarar o vestuário masculino? Vestir um homem será, nos domínios da elegância, o mesmo que vestir uma mulher? Ou, pelo contrário, a indumentária de Adão merecerá, de facto, menos atencioso respeito do que a indumentária de Eva? Não, meus amigos. Não tenhamos a vaidosa modéstia de o negar. A «toilette» masculina nada fica a dever, ao contrário do que muitos julgam, à «toilette» feminina. Se esta possui talvez mais fantasia, a outra possui, indiscutivelmente, mais dignidade. Entre uma saia pelo joelho e umas calças até aos pés, a moral arqueológica não pode hesitar em decidir-se ideològicamente pelas calças. Por outro lado, não se diga que ao homem falta, em matéria de vestuário, certas condições que sobram na mulher. A História o demonstra. Então Alcibíades sempre vestido de púrpura; Petrónio, cuja túnica tinha o esplendor marmóreo das estátuas; Casanova, opulento de jóias como uma veneziana da Renascença; Brummel, eternamente impecável no seu «smocking»; o príncipe de Sagan, inventor dessa estupenda fita larga com que, durante anos, os grandes aristocratas seguraram a rodela de cristal dos monóculos; o Marquês de Anglesey, para quem a sua inverosímil colecção de «pijamas» valia, em distinção, tôda a «Regent Street»; o próprio Gustavo de Morer, senhor de cem pares de botas de tôdas as formas, talhadas com todos os requintes — então estes, e tantos outros, não poderão colocar-se, lado a lado, das elegantes célebres que, têm deslumbrado êste mundo? Mas se ainda tiverem dúvidas, entrem numa das nossas camisarias mais chiques e peçam que lhes mostrem as últimas «parures» para o sexo-forte, camisa e cuecas feitas da mesma seda reluzente, abotoadas com pequeninas contas de madrepérola, e tão leves, tão vaporosas, tão transparentes, tão evanescentes como as combinações do sexo-fraco — e as dúvidas desaparecerão. Se as mulheres podem elegantemente levantar as saias; os homens podem estèticamente — andar com as calças na mão!

D. LUIZ E SOUSA MARTINS

CERTA vez, estando doente o rei D. Luiz e tratando-o o grande médico Sousa Martins, recebeu êste uns versos, segundo tôdas as probabilidades, da autoria do seu grande amigo dr. Alfredo Luiz Lopes:

Dizem que o rei, teu doente,
Indo a Sintra e a Cascais
A Norma e não sei que mais,
Cantarolava contente.
E, pois, justo que tu digas:
— Eu trato o rei com cantigas.

ELÉCTRICOS

HÁ certos eléctricos abertos que, em virtude do rodado estar bastante gasto, fazem, ao andar, grande trepidação. Puseram-lhe o nome — de epiléctricos.

É isso mesmo.

UM AMOR DE... SALVAÇÃO!

A Censura ao pensamento é — porque não dizê-lo — uma instituição que sempre foi tida como desagradável, pelo menos para aqueles que inscreveram no seu programa pensar livremente. Na verdade, dar asas a uma Ideia, lançá-la ao vento, segui-la como um clarão que palpitasse no céu, e vê-la depois cair, de asas cortadas, num melancólico cesto de papéis, temos de confessar que é um espectáculo confrangedor. Creio que foi Augusto de Castro quem uma vez, numa das suas crónicas, simbolizou a Censura num austero polícia de bigode e pera, trucidando, de chanfalho em punho, o corpo venerável do pensamento humano. Trata-se de uma imagem excessivamente prosaica, mas que, talvez por isso mesmo, nos aproxima das realidades da vida. Em todo o caso, se a Censura constitue para o homem que escreve ou que pinta, uma instituição ideològicamente desagradável, o melhor caminho que se depara a êsse homem é êste: aceitá-la serenamente como um mal que as circunstâncias impõem, limitando-se a suplicar aos Céus que os outros homens, aqueles a quem foi atribuído o dever de praticar êsse mal, o façam — de forma a causar o menor mal possível. E os Céus, comovidos e generosos, já têm escutado esta súplica.

Agora mesmo se encontra presidindo, com a sua tesoura niquelada, à nossa mesa censória, alguém que alia a um elegante espírito de diplomacia uma serena compreensão do cargo que desempenha: o tenente-coronel Salvação Barreto. Evidentemente que os jornalistas prefeririam que tal cargo não existisse na administração pública, mas desde que isso parece ser impossível no actual momento, não podem deixar de notar a circunstância dêsse cargo se encontrar em mãos que calçam luvas brancas. Registamos o facto com a sinceridade que merece. Há anedotas que valem, porém, biografias. Um dia, certo jornalista procurou Salvação Barreto para lhe mostrar a injustiça que havia num corte de Censura a determinada passagem dum artigo que escrevera.

— Diga-me uma coisa — exclamou de repente o mestre censor. — Não lhe parece que o meu bigode seria inofensivo?

— Sem dúvida — respondeu o jornalista.

— Pois ainda o cortei esta manhã...

E concluiu:

— Já vê que não se pode ser mais papista do que o Papa...

TRIBUNAIS

NO tribunal de Alenquer foi, em tempos, julgado um homem por bater desalmadamente na mulher.

— Então o seu marido é déspota? — preguntou o juiz à queixosa.

A queixosa:

— Não, senhor doutor juiz. O meu homem é José António...

MÁRIO BEIRÃO

O poeta Mário Beirão cumprimentou, há dias, duas raparigas que passavam no Chiado.

— Quem é? — preguntou uma delas.

— Não conheces? É o poeta Mário Beirão...

— Mas êle não é de Beja?

— É.

— Então como é que êle é beirão?

GUALDINO

A propósito das palavras que dedicámos nesta página a Gualdino Gomes — e que êle tão generosamente quis agradecer-nos com um abraço, grande paga para tão pequena coisa — o distinto jornalista Mário Rocha contou-nos êste episódio que vale um tratado de espírito e de filosofia.

Uma tarde, há anos, Gualdino entrou na *Brasileira* e pediu ao criado — ao venerável João — chá e bolos. João não tardou com o aviamento.

— O chá está bem quente? — preguntou Gualdino.

— A ferver...

— E os bolos estão frescos?

— Se estão frescos! — respondeu João — Chegaram agora mesmo da pastelaria...

Logo Gualdino, encaixando o monóculo:

— Isso não prova nada. Também eu vim agora mesmo da Biblioteca — e já tenho 68 anos...

ESCRITORES

UM amigo do poeta Silva Bastos foi, há dias, com êste, ao Bairro dos Actores onde lhe tinham afirmado que havia muitas casas para alugar.

— Mas isto afinal não é o Bairro dos Actores: é o Bairro dos Escritores! — exclamou, a certa altura, o nosso homem.

— Dos escritores, porquê? — inquiriu Silva Bastos.

Logo o outro, num sorriso:

— Porque tôdas as casas têm escritos...

PROSAS

UM dos nossos grandes diários, descrevendo, há dias, determinado acontecimento, falava de certa pessoa que, no auge de entusiasmo, se «debruçara para trás».

Eis um exemplo de prosa contorsionista, que merece registar-se.

O MAESTRO RAÚL PORTELA

DOIS jóvens artistas foram uma ocasião ao *Teatro Apolo* experimentar a voz. O maestro Raúl Portela, depois de os ouvir, voltou-se para um dêles e disse-lhe:

— O senhor é o pior cantor que tenho ouvido em tôda a minha vida...

— E de mim gostou? — preguntou o outro.

Imediatamente Raúl Portela:

— O senhor ainda é pior do que êste...

O MAESTRO RAÚL FERRÃO

ESTE conhecido maestro, colega e amigo de Raúl Portela, foi, antes de ontem, comprar alpista para os seus pássaros — porque é bom saber-se que Ferrão tem uma vistosa colecção de pássaros. Mas a alpista encareceu de tal forma com a guerra que o maestro não se conteve que não exclamasse:

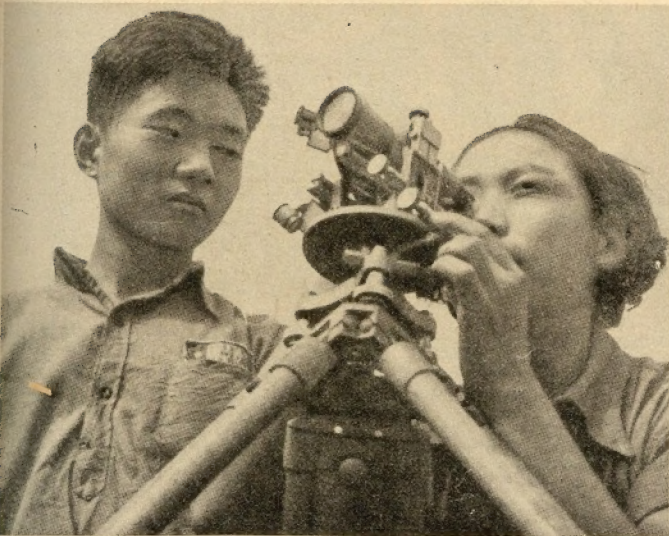
— Não é justo que os passarões metam a unha na alpista dos meus passarinhos...

Luís d'Oliveira Guimarães

ROSSIO, meia noite...

PARECE IMPOSSIVEL, MAS É VERDADE. A GRANDE PRAÇA ESTÁ QUÁSI DESERTA... Apagaram-se já alguns reclamos e nem tôdas as montras já têm luz... Os eléctricos deslisam, mas não sobe nem desce pessoa alguma. Os raros transeuntes caminham aos pares. Mas é um instante. Dentro de minutos, tudo se modificará. Começará a sair gente dos teatros e dos cinemas. O Rossio terá uma vida nova. Os «taxis» hão-de desaparecer, aabarrotar, e os passeios encher-se-ão. Pois, nêste momento, a grande praça parece adormecida. E foi precisamente a esta hora que, numa destas noites de Outono, a surpreendeu Jorge Garcia, autor das fotos que publicamos nesta página. Uns minutos mais tarde — e o Rossio ficaria igual àquele que os nossos olhos estão acostumados a ver. É quási meia noite...

Homens e mulheres da CHINA MODERNA

A CHINA, a velha China de que nos falavam os velhos cronistas e peregrinos, com seus ritos, costumes e civilização própria, tão apartada da vida, dos hábitos e da civilização das terras europeias vai, pouco a pouco, mudando a sua fisionomia. Hoje, dentro da grande Muralha, chineses e chinesas vivem uma existência muito diferente. Nasceu, pode dizer-se, uma nova China. Ao lado do pitoresco campesino de indumentária, de que nos dá amostra a cena de aldeia reproduzida à direita, topa-se já nas cidades chinesas com lindas caras de tipo de beleza moderno, como a que vemos em cima e que é — como tudo mudou naquêle país! — uma gentil dactilógrafa dum escritório de Xung-King. Ao fundo: Outro aspecto curioso da China moderna: um grupo de mobilizados dos exércitos de Chang-Kai-Chek assistindo a uma aula teórica de tática militar.

RAPARIGA CHINESA DAS FÔRÇAS AUXILIARES DO EXÉRCITO, instruindo-se na regulação do tiro, sob as ordens dum jovem oficial de infantaria.

UM GRUPO DE CRIANÇAS das organizações nacionais infantis cantando hinos patrióticos durante uma cerimónia oficial efectuada em Xung-King.

GUERRILHEIROS CHINESES que combatem nas regiões do sul, na rectaguarda do invasor, em território já ocupado pelas fôrças do generalíssimo Chang-Kai-Chek.

OS NERVOS VINGAM-SE

panorama internacional — por — Francisco Velloso

OITO dias de singular perturbação podem classificar-se os que acabam de escoar-se na ampulheta fatídica do conflito internacional, e, se bem que nem de longe pretendamos ser aforado ou comparado a crítico dos acontecimentos, senão a simples anotador de seus passos, queremos crer em que esta trepidação, a reflectir-se numa perturbação psicológica que vai afectando cada vez mais a beligerantes, neutrais e não-beligerantes, marca no termómetro a fase que culmina uma curva de febre pelo seu vértice angular.

BRUMAS LONDRINAS

EDEN

No fim da semana, a 24, Eden ergueu voz no Comuns, numa sessão secreta. Dêste segrêdo transpiraram na imprensa as partes essenciais do seu discurso, e dela disseram o resto as agências norte-americanas. Na história da Inglaterra em guerra, tais acontecimentos constituem algo de importante.

Os tópicos, relativamente escassos, das declarações do ministro dos Negócios Estrangeiros transudam apenas o cuidado de garantir que não cessarão os auxílios à Rússia e que, para tanto, se encontram em funcionamento os transportes da Pérsia para o Cáucaso, ajustado um acôrdo de aliança entre o Irão, a Rússia e a Grã-Bretanha, conseguido que o govêrno do Afganistão expulsasse alemães e italianos do seu território, mantida em grau crescente a coadjuvação material e moral dos Estados Unidos. Houve, no entanto, referências suas a dois factos que denunciam a vivacidade dos debates: — um, a que a opinião inglêsa não deve excitar-se com optimismos, mas confiar em que Churchill e os condutores político-militares da guerra conhecem melhor do que ninguém a razão das oportunidades e as necessidades das decisões a tomar. «O govêrno não pode guiar-se pelas indicações dos leigos». E lembrou que há hoje, desde o Cáucaso ao Egipto, uma só frente, mas que ainda no verão de 1940 «não havia nem uma divisão completamente instruída e provida de material e as fortificações britânicas virtualmente nem existiam», dura realidade que desde então foi dominada.

Tudo isto veio a pêlo de um violento e quási geral ataque que rebentou e alastrou a todos os sectores da Câmara ainda contra a *inacção suicida*. O povo inglês continua bem lembrado dos maus dias passados. O esfôrço que se lhe exige é gigantesco e de desfazer as resistências nervosas mais sólidas. A guerra prolonga-se. Nota deficiências. Ouve rumores. A Câmara dos Comuns traduziu tudo isto.

Colocando Churchill fora e muito acima do debate, os atacantes denunciaram no que em Inglaterra se chama ainda hoje «o espírito de Chamberlain» (no sentido de falta de energia e vontade de entendimentos pacíficos) a causa de retardamentos que impeçam a desejada e até ansiada ofensiva britânica. Lord Halifax e Samuel Hoare, êste último sobretudo — acusado de contemporizar com uma larga manobra do inimigo na península — saíram mal feridos do debate. Foi reclamada a substituição dos ministros e funcionários que se consideram eivados daquele espírito que teve seu pior símbolo em Munique.

Esta agitação revolveu, ao que parece a política inglêsa, e, no dia 28, acudiam a informar de Londres que Lord Beaverbroock estava doente e pensava em abandonar o govêrno.

É de supor que Churchill dará pronto remédio à situação e à opinião pública as satisfações a que os sacrifícios do povo inglês têm direito.

ATRÁS DO «FRONT»

CIANO

Outra não é a situação dentro da Alemanha. A campanha contra a Rússia, desde 22 de Junho, prolongou-se demais, e por demais absorveu recursos materiais e vidas da Alemanha. É admirável e cremos que inexcedível a organização militar dessa campanha, que faz recuar tudo quanto em moderna e antiga arte de guerrear se haja imaginado e concebido. Mas é impossível admitir-se que na terrível fornalha de Leste se fundam tôdas as melhores energias do povo alemão e do seu exército. A colisão do *Führer* está, por certos pontos, na mesma latitude da de Churchill — um a atacar, outro não atacando.

As notícias verificadas que chegam através da Suíça (descontado que neste litígio, ao lado da luta pelas armas, há a luta pelos nervos e a luta pelo *bluff* tão notória e hàbilmente conduzida pelos beligerantes através de informes e comunicados) convergem a reforçar a impressão geral de que, tal como a britânica, a opinião pública alemã mostra enervamentos. Sem dúvida nem aquela nem esta são propícias a alquebrarem-se. Na outra guerra, o alemão até ao fim, soube cerrar os dentes e apertar heròicamente os estômagos. Mas é utópico acreditar em que a guerra haja produzido efeitos diferentes nos povos, consoante as suas nacionalidades e raças. É, acima de tudo, nos desgastes causados por ela que todos os bons chefes têm os olhos das suas atenções. As cidades da Ucrânia, dizia o comunicado alemão de 26, são montões de ruínas.

O esfôrço colossal que nesse momento tenta cravar na resistência moscovita — a maior surprêsa desta guerra, ao lado da Batalha de Inglaterra — o ferro duma decisão a fundo, indica sem meio termo a imperiosa necessidade de apressar a marcha para o alvo supremo de dominar e esmagar o exército russo e estancar os tremendos sacrifícios impostos à população alemã, dando ao seu enervamento natural as compensações de vitórias, militares ou políticas, que justifiquem êsses sofrimentos.

A conferência de Ciano com Hitler na frente Leste, consta ter abordado o mesmo problema: — o refôrço em divisões para a batalha e para as guarnições dos países ocupados, na primavera, as condições internas da Itália onde o dr. Funk até há pouco permanecia, emitindo, de vez em quando novas declarações acêrca da «nova ordem financeira e económica» a estabelecer «logo que a campanha de Leste decresça e se intierice nos gelos invernais». É evidente que a potência psicológica do povo italiano para não falar nas suas reservas económicas, não pode comparar-se à do povo alemão.

A POSTOS DE COMBATE

ROOSEVELT

O caso norte-americano que hoje se amplia já às três Américas, não oferece aspecto diferente dos anteriores. Ali a temperatura acusa, em oscilações bruscas que só o fervedouro acelerado da vida do Novo Mundo pode explicar, a mesma ansiedade, o mesmo afã, a mesma energia combativa de realizar depressa o máximo possível. A violência de gestos e expressões qualifica neste momento a América. Ganha a batalha para o armamento dos navios mercantes, já a Comissão senatorial competente aprovou novo projecto que os autoriza a entrar em portos de beligerantes. A 19, Wilkie voltava à carga contra a lei de neutralidade, a «lei hipócrita», à qual por sua banda o velho senador Glass, secretário do presidente Wilson no Tesouro, chamava acertadamente uma «comédia» reclamando o bombardeamento da Alemanha desde as bases Islândia. O próprio isolacionista Wheeler concordava em que são preferíveis as situações claras. A opinião pública tombava nitidamente para a entrada na guerra. A 24, o presidente anunciava uma duplicação maciça no fabrico de *tanks*. No dia seguinte, o mais vigoroso dos adaís do intervencionismo, o coronel Knox, rompia fogo, e Cordell Hull fazia na Comissão um depoimento sensacional. Se o primeiro punha já a questão da revogação urgente da lei de neutralidade que «faz perigar a segurança dos Estados Unidos, o segundo secundado pelo chefe das fôrças navais, o almirante Stark, afirmava formalmente que «os Estados Unidos não têm a intenção de se precipitarem na guerra, mas estão decididos a fazer respeitar *os seus direitos no Atlântico*». No Dia da Marinha, Roosevelt proferiu um novo discurso que foi visìvelmente preparado como peça de efeito. Partindo dos afundamentos do «Kearney» e outros barcos e invocando as mortes que êles provocaram, Roosevelt lançou na mesa como revelação um plano alemão de domínio das Américas — ao que se diz, e é possível — com fatia reservada para Espanha na Central, o qual lhe teria sido entregue pelos serviços secretos. Serviu-se dêle o presidente para caír sôbre os isolacionistas «aplaudidos pela imprensa do *Eixo*» e consubstanciou o seu pensamento nesta frase que a história vai registar: «Encontramo-nos preparados e tomamos postos de combate».

A 30, afundava se o primeiro barco de guerra dos Estados Unidos — o «Reuben James».

Foi depois disto que, recebido em Washington, desde 18, o desejo do govêrno japonês de continuar as negociações a 26, o general Toyo se declarava favorável ao prosseguimento delas, e de acôrdo com Londres os fornecimentos para a Rússia passavam a seguir por Arkangel ,aproveitando a protecção agora reforçadíssima da Islândia, em vez de seguirem por Vladivostok, furtando-se assim o mais pronto pretexto de um incidente conflituoso ao partido militar nipónico.

...Eis o hausto amplíssimo que faz estremecer o Mundo. Uma vasta dilatação de olhares pede aos horizontes o primeiro fuzilar da maior tempestade. Dir-se-ia que há uma sêde, um desejo fanático de que sôe a hora dos grandes choques. Fêz-se a guerra dos nervos. Os nervos agora vingam-se.

Vida Mundial Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

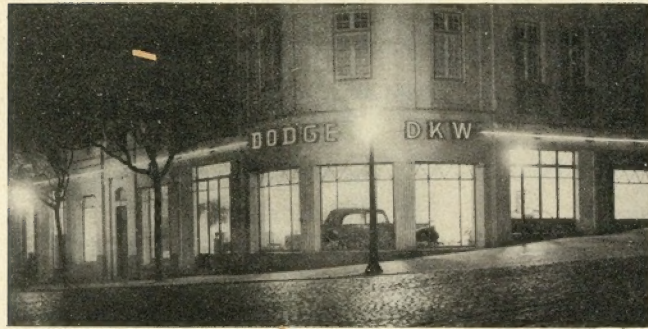
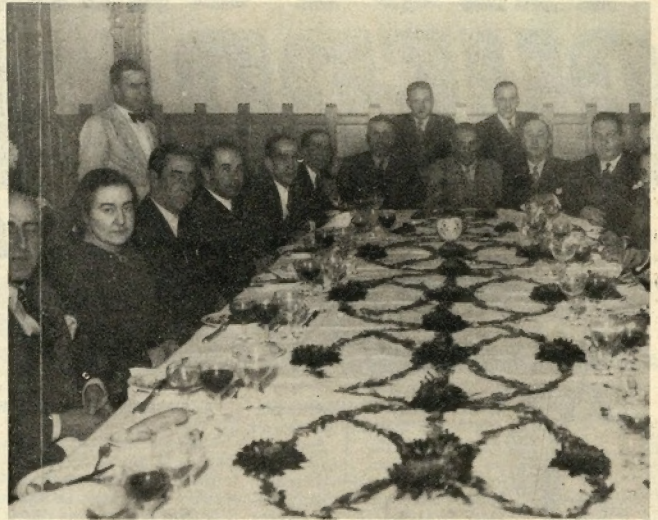
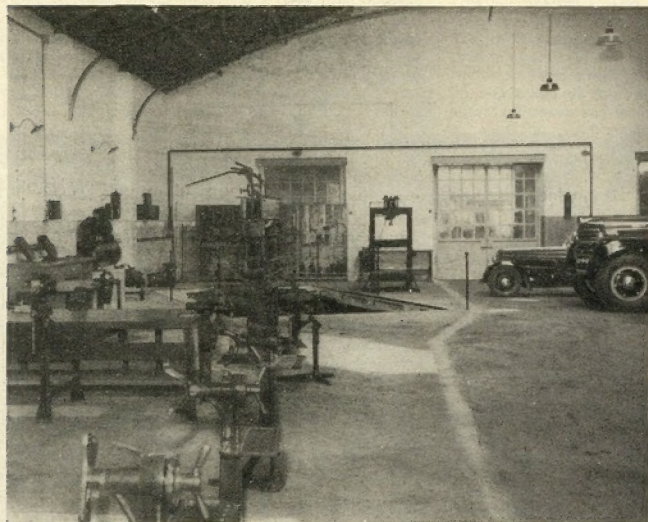
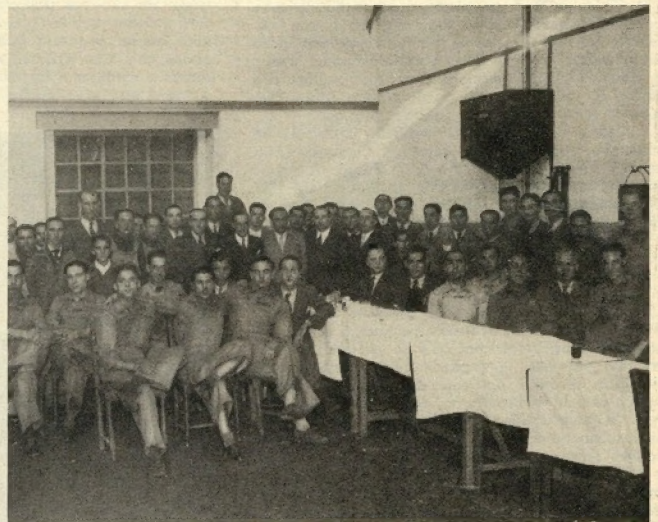
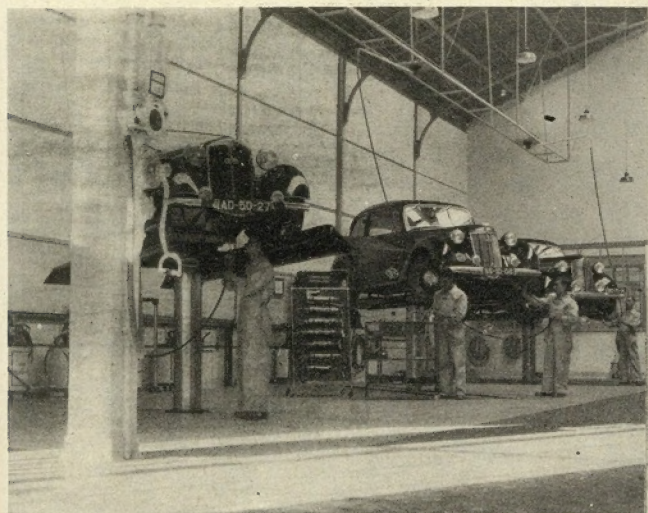
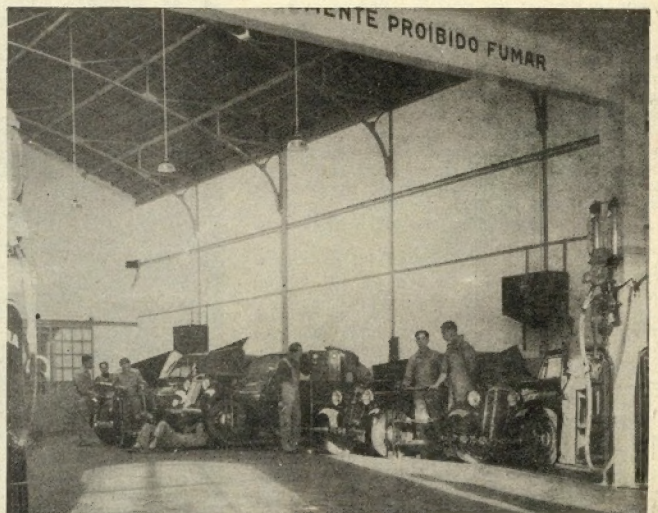
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Garrett, 80, 2.º—Lisboa—Tel. 25844

CONDIÇÕES DE ASSINATURA
Continente e Ilhas: 3 meses (12 n.os) — 11$00; 6 meses (24 n.os) — 22$00; 12 meses (48 n.os) — 43$00. — Africa: 12 meses (48 números) — 60$00.
COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS em Portugal e Colónias: Agência Internacional, R. de S. Nicolau, 19, 2.º - Tel. 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

No seu terceiro aniversário a

SPIDA Sociedade Peninsular Industrial de Automóveis, Ltd.

Inaugurou uma nova e modelar OFICINA DE REPARAÇÕES MECÂNICAS E ESTAÇÃO DE SERVIÇO na Avenida Casal Ribeiro, N.º 28

Escritórios, salões de exposição e secção de peças na Rua Alexandre Herculano, 43

Banquete oferecido pela Spida a alguns dos seus colaboradores, agentes e pessoal superior

Vista parcial das novas oficinas: secção de grandes reparações

Almôço oferecido nas novas oficinas ao pessoal das mesmas

Estação de serviço

Secção de pequenas reparações e electricidade

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

capítulo I * Assim estalou a guerra

UANDO as tropas alemãs, penetrando em território polaco na madrugada de 1 Setembro de 1939, deram início à segunda conflagração mundial, ninguém decerto se surpreendeu. Os dados de ferro foram lançados como uma consequência inelutável de antecedentes que o mundo conhecia e vivia numa inquietação arrastada durante alguns anos. A paz, que morreu nesse dia, não era a paz verdadeira, aquela de que os homens precisam para realizar sôbre a terra um trabalho fecundo. Era a liquidação torturada duma guerra, que custara dez milhões de vidas, e o prólogo dramático doutra que ninguém sabe como nem quando terminará.

O tratado de Versailles consagrara a derrota da civilização chamada dos Impérios Centrais (Alemanha, Austria-Hungria, Turquia, Bulgária), como epílogo duma luta que durara de Agôsto de 1914 a Novembro de 1918. Ao fim de quinze anos de desordem, de dessidências políticas, quando, em 31 de Janeiro de 1933, o chefe do partido nacional socialista entrou no palácio da chancelaria, era um período novo na história do seu país e na vida da Europa que se iniciava. Berlim tornou-se o foco poderoso que ia iluminar todo o drama europeu.

Perante o espanto, e depois perante o receio, do sistema internacional com que se pretendia dominar, com palavras, o expansionismo germânico, a Alemanha realizou em seis anos um movimento irreprimível de recuperação das suas energias e impôs, à passividade e às hesitações dos adversários, o conceito da fôrça como regra de direito nas relações entre as potências continentais. No plano da política interna, essa técnica teve uma seqüência clara e iniludível: o rearmamento, em grande escala, em terra, no mar, no ar.

No plano da política externa, os alemães substituiram às discussões bizantinas ou dissolventes a concepção do facto consumado. O Chanceler do Reich utilizava a palavra como arma de combate, apenas na medida em que ela devia preparar os actos indispensáveis à realização dos seus objectivos. O discurso era o prólogo ou o seguimento da acção. Para adaptar estas táticas às exigências do formulário diplomático em voga chamou-lhe igualdade de direitos, reivindicações das minorias, e, finalmente, espaço vital.

As etapas seriadas que marcaram a evolução dêste processo histórico foram a militarização da Renânia (Março de 1936), a anexação da Austria (Março de 1938), a incorporação do território dos sudetas no Reich (Outubro de 1938), a conquista da Checo-Eslováquia (Março de 1939) e a ocupação de Memel.

Para opor ao dinamismo ousado que o nacional socialismo transplantara da luta política interna para a cena europeia, os seus adversários dispunham de algumas intenções louváveis e de métodos inadequados. Foi assim possível fazer oscilar a balança das fôrças em presença. O prato do rearmamento pesou, a partir de 1936, mais do que o prato da negociação. Os diplomatas conversavam, os generais decidiam. Nenhum contecimento importante ocorria sem que o estado maior alemão tivesse a sua palavra a dizer. Nem sempre as suas ideias se ajustaram ao pensamento do Fuhrer. Mas embora com o sacrifício episódico de alguns dos seus elementos preponderantes (Schleicher, Blomberg e Fritsch) o Reich realizou a unidade política e militar que se traduzia pela superioridade esmagadora do seu armamento.

A ENCRUZILHADA DE MUNICH

Em Munich (30 de Setembro de 1938) não foram apenas quatro homens de temperamentos diferentes que negociaram um acôrdo fictício. Foram duas tendências que se aprontaram para consagrar a vitória duma delas. Hitler e Mussolini, Chamberlain e Daladier eram os intérpretes duma peça cujo desfecho o público conhecia de antemão.

No discurso que três dias antes pronunciara pela T. S. F., o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha afirmara, na sua voz pausada que a tristeza velava:

«Qualquer que seja a simpatia que nos merece uma nação pequena que se encontra em dificuldades com um vizinho poderoso, não nos arriscaremos a arrastar o Império britânico para a guerra só para que essa nação pequena se salve. Se um dia viermos a bater-nos será por questões mais importantes. Se eu chegasse a convencer-me de que existe uma nação que alimenta o desejo de dominar o mundo pela fôrça, então seria necessário resistir às suas pretensões.» Estas palavras significavam, claramente, que o grupo franco-britânico estava derrotado antes que os seus representantes tomassem o avião que havia de os conduzir a Munich.

Depois de pronunciadas aquelas palavras, o Govêrno francês, a pedido do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, enviou a Mussolini uma mensagem pedindo-lhe para colaborar nas negociações destinadas a evitar a guerra. O ministro dos negócios estrangeiros da França, Georges Bonnet, associou de bom grado o seu nome e a sua função a essa diligência. Era partidário decidido dum entendimento com o Reich e, nesse ponto, opusera-se sempre à atitude dos seus colegas que constituíam

No final da conferência de Godesberg, para a paz, entre Chamberlain e Hitler. O Primeiro Ministro inglês e o chanceler alemão saem do Hotel Dreesen.

O Primeiro Ministro Chamberlain, com o embaixador Sir Neville Henderson, admira o panorama da montanha, do terraço do Hotel de Godesberg, onde esteve quando da sua viagem à Alemanha, em 1939.

Em Novembro de 1938, o Primeiro Ministro inglês, Chamberlain, e o Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, Lord Halifax, foram a Roma, conferenciar com Mussolini. A foto mostra-os, durante um espectáculo de gala, na Opera, com o «Duce» e o Conde Ciano.

a maioria do gabinete. O Duce fêz saber a Berlim, por intermédio do seu embaixador, que era possível encontrar uma solução pacífica para o diferendo dos sudetas, uma vez que as nações ocidentais estavam dispostas a aceitar, embora com ligeiras rectificações de forma, o ponto de vista alemão.

Entre o convite do chefe do Govêrno italiano dirigido aos seus colegas da Alemanha, da Grã-Bretanha e da França e a sua reünião em Munich mediaram apenas vinte e quatro horas. Dir-se-ia que tudo se passava em obediência a uma regra pràviamente estabelecida. Os respresentantes das quatro potências reüniram-se por três vezes durante o dia 29 de Setembro, e a sua decisão foi tornada pública na madrugada de 30. O desmembramento da Checo-Eslováquia era a expressão ulterior duma derrota diplomática sem precedentes. Era, ao mesmo tempo, uma advertência solene que o embaixador francês em Berlim, François Poncet, resumia assim:

«Para que o acôrdo corresponda ao espírito com que foi negociado e constitua o ponto de partida para a reorganização do continente europeu em bases equitativas, é indispensável que as potências ocidentais tirem dos acontecimentos a que assistimos a única lição que êles comportam. Continuando embora a afirmar as suas intenções pacíficas, essas potências devem eliminar as causas do enfraquecimento, preencher as lacunas existentes no seu armamento, oferecer aos estrangeiros o espectáculo do trabalho e da fôrça. Só assim será possível evitar a repetição de crises como aquela que o mundo acaba de atravessar.»

As nações ocidentais não rearmaram, as causas de enfraquecimento verificadas agravaram-se, as crises repetiram-se incessantemente.

CONSEQUÊNCIAS DUM EQUÍVOCO

O acôrdo de Munich estipulava a entrega à Alemanha do território habitado pelos sudetas e indicava o método a seguir para a transmissão. A ocupação foi ràpidamente realizada por fôrças do exército alemão. Na comissão internacional, prevista pelo acôrdo, que se reüniu em Berlim com a assistência dos representantes dos países signatários, os delegados da França e da Grã-Bretanha limitaram-se a aprovar os pedidos do govêrno do Reich. A faculdade, reconhecida à comissão, de estabelecer certas excepções para a regra da delimitação étnica nunca foi usada. De comum acôrdo, o recurso plebiscitário, igualmente previsto no acôrdo, não foi utilizado.

O êxito conseguido pelas reivindicações alemãs encorajou a Polónia e a Hungria. O primeiro dêstes países ocupou a região litigiosa de Teschen, rica em jazigos carboníferos. A Hungria, em seguida a uma arbitragem germano-italiana acordada em Viena, tomou posse das zonas mais ferteis da Eslováquia e da Rússia Subcarpática (Ruténia), habitadas por uma população de mais dum milhão de habitantes.

A Checo-Eslováquia, reduzida a dois terços da sua superfície e da sua população, transformou-se numa federação de três estados autónomos, perdeu as suas linhas de defesa naturais, o seu sistema fortificado, a maior parte das suas minas e dos seus recursos industriais e uma extensão apreciável das suas estradas e caminhos de ferro.

O acôrdo privando a Checo-Eslováquia da sua máquina militar colocava êste país na dependência política e económica do Reich. É certo que o anexo 1.° dêsse acôrdo previa uma garantia internacional das suas novas fronteiras. Mas êste compromisso, que desde logo se revelou platónico, nunca chegou a ser executado.

Ao descer do avião que o levou a Londres, o sr. Chamberlain declarou, perante a multidão entusiasmada: «É a paz durante o nosso tempo». O chefe do govêrno francês, Eduardo Daladier, foi recebido com aclamações igualmente calorosas e fêz declarações idênticas. A posição internacional do Duce melhorou consideràvelmente, quando amigos e adversários reconheceram o papel de árbitro que lhe fôra atribuído. O Reich tinha legítimos motivos de satisfação. Não era apenas a incorporação dos sudetas que se fizera; era a posse definitiva do quadrilátero da Boémia que se consumara.

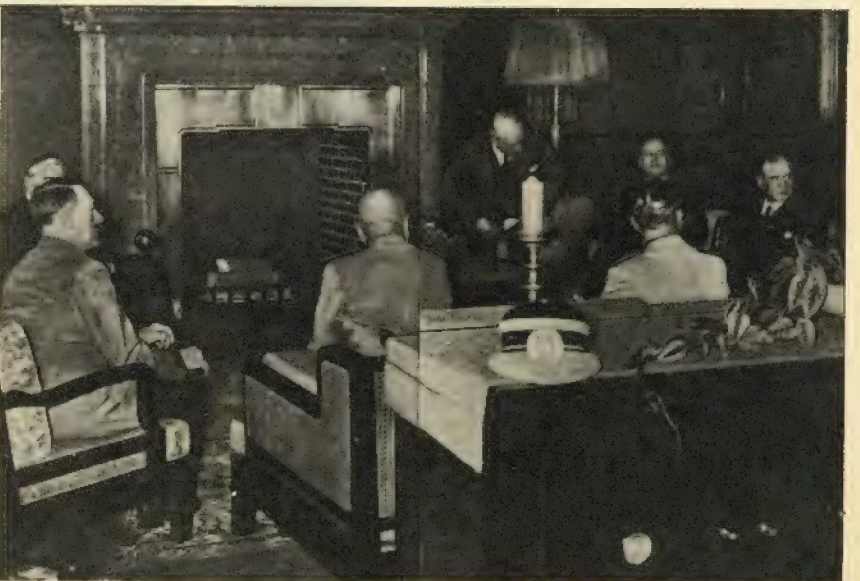
Qual era o verdadeiro significado internacional do acôrdo? O mais categorizado jornalista alemão para os assuntos de política externa, Rudolf Kircher, definiu-o assim: «Desde que todos reconheceram a necessidade de afastar a grande potência asiática que é a U. R. S. S., as quatro potências que estavam reünidas em Munich tinham o caminho desimpedido para se entenderem. Abstracção feita dos seus recursos económicos, a Rússia Soviética não oferece qualquer interêsse a não ser o do seu nível de armamentos. Nós outros europeus, pela primeira vez, encontramos maneira de nos entendermos com exclusão de Moscovo».

Obrigada a escolher entre o apaziguamento por uma transigência e a possibilidade dum conflito pela resistência, a França e a Grã-Bretanha adoptaram a primeira solução.

Winston Churchill, chefe do grupo parlamentar que, nos Comuns, advogou a necessidade da resistência, pronunciou um discurso para afirmar: «Passámos por um desaire para evitar a guerra. Suportámos o desaire, mas nem por isso deixaremos de ter a guerra». A opinião pública nos dois países dividiu-se irremediàvelmente. Franceses e ingleses abandonaram as etiquetas tradicionais para enfileirarem em dois grandes grupos: muniquenses, anti-muniquenses.

UM INVERNO INQUIETO

Os factos eram duma eloqüência reveladora. A Grã-Bretanha e a França tinham de proceder a uma revisão total no fundamento das suas instituições e na condução da sua política externa. Para a Itália, e sobretudo para a Alemanha, a experiência adquirida aconselhava a conservação duma linha de conduta fértil em resultados benéficos. De Munich podia sair um período de calma no termo do qual se vislumbrava um entendimento sincero ou uma era de agitação que liquidaria, inevitàvelmente, por um conflito armado.

O mês de Outubro foi assinalado por um facto imprevisto. Discursando em Sarrebruck, o chanceler do Reich pronunciou um discurso em que afirmava o seu propósito de perseverar no caminho até então percorrido e atacava os franceses e ingleses de adversários da política de apaziguamento. O ataque visava concretamente três antigos ministros da Grã-Bretanha, os srs. Churchill, Eden e Duff Cooper,

A histórica conferência de Munich, em 30 de Setembro de 1938. Da esquerda para a direita: Chamberlain, Hitler, Mussolini e Ciano (de costas), Ribbentrop e Daladier.

A opinião pública inglêsa reagiu, e a imprensa de tôdas as côres considerou o discurso como uma intervenção nos assuntos da vida interna da nação inglêsa.

No começo de Novembro, verificou-se um outro incidente revelador que contribuiu para agravar o mal-estar dominante em tôdas as capitais europeias. No Senado italiano, o Conde Ciano fêz uma exposição pormenorizada sôbre a situação internacional e os seus desenvolvimentos prováveis. Uma parte da assembleia manifestou-se, no final, com gritos de: «Corsega, Nice, Tunísia», que manifestamente significavam um programa de reivindicações susceptível de inquietar a França, então a braços com uma crise política interna.

A diplomacia franco-britânica, perante a unidade do bloco adverso, revelava claros sintomas de divergência. Enquanto as relações entre a Grã-Bretanha e o Reich se agravavam em conseqüência de incidentes parlamentares e de vivas polémicas jornalísticas, o Primeiro Ministro e o secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, Lord Halifax, faziam uma visita ao «Duce». Simultâneamente, a França enviava à África do Norte o chefe do seu govêrno, Daladier, para afirmar públicamente o propósito inabalável de manter a unidade do império francês e procurar melhorar as suas relações com o Reich.

Em 18 de Outubro, o chanceler alemão recebeu em Berchtsgaden o embaixador francês, André François Poncet, e sugeriu-lhe a conveniência de estabelecer um acôrdo entre os dois países. O embaixador aconselhou o seu govêrno a aceitar a sugestão. O ministro dos Estrangeiros, Bonnet, apoiou o projecto e escreveu a Poncet: «Considero a iniciativa tomada pelo chanceler Hitler com o maior interêsse. Creio que devemos fazer esfôrço para chegar ràpidamente a um resultado concreto».

As negociações prosseguiram com êxito. Em 6 de Dezembro as assinaturas dos ministros Ribbentrop e Bonnet consagram uma declaração comum em que aparecia delineada uma política de colaboração para o futuro e se afirmavam os propósitos recíprocos de não liquidar pela guerra as divergências franco-alemãs. Nem a viagem de Chamberlain a Roma, nem a visita de Ribbentrop a Paris tiveram o condão de evitar a marcha inexorável dos acontecimentos. Uma e outra ficaram, para o registo da história, como afirmações platónicas de boa vontade a que não foi dado qualquer seguimento prático.

15 DE MARÇO

Em 14 de Março de 1939, o chanceler do Reich convocou para Berlim o presidente da República checoeslovaca que substituira o sr. Benès. Era um magistrado de carreira especializado em assuntos de direito administrativo.

Com Emilio Hacha seguiu o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Chvalkovski, antigo representante da Checo-Eslováquia em Roma, cujas afinidades com as potências do «Eixo» eram conhecidas.

Recebidos no palácio da Chancelaria, o chanceler do Reich deu-lhes conhecimento das resoluções tomadas pelo govêrno alemão quanto ao presente e ao futuro da Checo-Eslováquia. Os dois homens de Estado checos tomaram, ao mesmo tempo, conhecimento de que 14 divisões, constituídas quási exclusivamente por unidades moto-mecanizadas, tinham sido concentradas na fronteira germano-checa. O presidente Hacha, no final da entrevista, a que assistiram algumas personalidades categorizadas da política alemã e alguns chefes militares, assinou uma declaração, em nome do govêrno checo, colocando os destinos da Boémia e da Morávia nas mãos do Füehrer.

No dia 15, às nove horas da manhã, os primeiros contingentes de tropas motorizadas chegaram a Praga. À tarde, o Füehrer fêz a sua entrada solene no palácio de Ilsadschin, onde passou a flutuar a bandeira da cruz gamada.

Em seguida foi publicado um decreto integrando a Boémia e a Morávia no território do Reich com a designação de Protectorado, ao qual era atribuída autonomia administrativa sob o contrôle dum Protector escolhido pelo govêrno de Berlim. Para desempenhar estas funções, foi escolhido o antigo embaixador alemão em Londres e antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, barão von Neurath.

Entretanto, a Eslováquia que proclamara a sua independência sob a direcção dum sacerdote, Monsenhor Tiso, chefe do movimento autonomista local, colocava-se, igualmente, sob a protecção do Reich. Êste país também vira o seu território reduzido pela sentença arbitral de Viena. Por último, a Rússia subcarpática, o terceiro dos Estados autónomos que ficaram incorporados na Checo-Eslováquia depois do acôrdo de Munich, adoptou uma atitude idêntica. De facto, a Checo-Eslováquia, criada pelos tratados de paz de 1919, deixara de existir como nação independente.

As repercussões dos acontecimentos de Março de 1939 na crise europeia foram decisivos. Essas repercussões foram particularmente sensíveis na Grã-Bretanha, cuja opinião pública se manifestou contra as tendências conciliadoras do seu govêrno. Discursando em Birmingham, o Primeiro Ministro reconheceu o fundamento dos ataques dirigidos à sua política e concluiu assim as declarações que resumiram a nova orientação dos dirigentes britânicos: «Há uma coisa absolutamente certa. O mundo recebeu o golpe mais profundo, vibrado pelo actual regime alemão. Não é possível prever, desde já, as conseqüências definitivas dos acontecimentos horríveis a que acabamos de assistir. Mas estou certo de que essas conseqüências serão profundas e serão duradouras».

Em Março de 1939 a orientação simbolizada e prosseguida pelo sr. Chamberlain liquidou-se com um desaire incontestável para a diplomacia da Grã-Bretanha e para as suas concepções tradicionais. Os meses que iam seguir-se seriam animados por episódios novos e por um agravamento crescente da tensão internacional. A questão checa fôra arrumada definitivamente. Era a questão polaca que ia ser levantada.

(Continua)

No próximo número: MORRER POR DANTZIG?

We, the German Führer and Chancellor and the British Prime Minister, have had a further meeting today and are agreed in recognising that the question of Anglo-German relations is of the first importance for the two countries and for Europe.

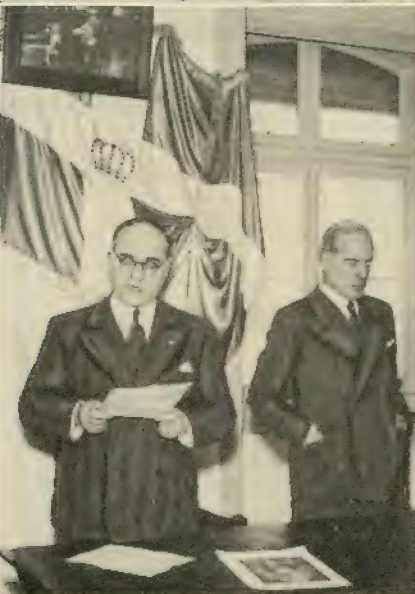
We regard the agreement signed last night and the Anglo-German Naval Agreement as symbolic of the desire of our two peoples never to go to war with one another again.

We are resolved that the method of consultation shall be the method adopted to deal with any other questions that may concern our two countries, and we are determined to continue our efforts to remove possible sources of difference and thus to contribute to assure the peace of Europe.

O documento assinado, em 30 de Setembro de 1938, por Chamberlain e Hitler, após a histórica conferência de Bad Godesberg.

No dia anterior à ocupação de Praga pelas tropas do Reich, o chanceler alemão convocou para Berlim o presidente Hacha, a quem deu conhecimento da sua resolução sôbre o destino da Checo Eslováquia.

Acontecimentos da SEMANA

COMEÇARAM EM TODO O PAÍS, no começo dêste mês, as actividades da «Mocidade Portuguesa». Em Lisboa, efectuou-se, entre outras cerimónias, uma festa nocturna no Liceu Passos Manuel. A foto, à esquerda, dá-nos um aspecto da comemoração: a «fogueira simbólica» em volta da qual filiados da M. P. tocam, em gaitas de beiços, uma canção adequada.

O ANIVERSÁRIO DA INVASÃO DA GRÉCIA foi comemorado no consulado geral daquêle país em Lisboa com uma sessão durante a qual falaram o ministro, sr. Kimon Callas, e o estadista sr. Politis.

O DIA DE FINADOS — dia de chuva e de tristeza — foi, nos cemitérios, um dia de sentida peregrinação.

AS CAMPAS DOS DESCONHECIDOS — que substituíram a «vala comum» — também foram cobertas de flores.

E TODO O DIA, mãos caridosas puseram uma nota de alegria e beleza nas sepulturas dos mortos.

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

Vida Portuguesa

A MISSÃO MILITAR PORTUGUESA que foi à Inglaterra estudar os métodos de defesa anti-aérea ali aplicados encontra-se já há alguns dias naquêle país, onde tem assistido a numerosos exercícios. A foto em cima, à esquerda, mostra-nos a chegada à estação de Londres dos membros da missão militar.

A ESCOLA DE AVIAÇÃO CIVIL «MANUEL BRAMÃO» comemorou há dias o 5.º aniversário da sua fundação, que coincidiu — numa demonstração exuberante da sua actividade — com o seu 200.º «brevet». O facto foi solenizado com um banquete oferecido aos jornalistas. A foto, em cima, mostra-nos um aspecto da assistência à festa.

A DIRECÇÃO DA LIGA DE ACÇÃO CATÓLICA FEMININA tomou há dias posse do seu cargo. A foto, à esquerda, dá-nos um aspecto da cerimónia a que presidiu o sr. Bispo de Helenopolis (à esquerda).

AS «JORNADAS AGRONÓMICAS» encerraram-se com a presença do sr. prof. André Navarro, sub-secretário de Estado da Agricultura, que fêz um notável discurso sôbre a necessidade da intensificação da lavoura. A foto, à direita, mostra-nos um aspecto da sessão de encerramento das «Jornadas», que decorreram com muita elevação. (Fotos feitas com películas «Ferrânia»)

OS AVIADORES INGLÊSES estão a usar fatos providos de aquecimento eléctrico. Aqui está um pilôto vestindo o seu fato térmico para se defender do frio no ar. (Foto «Britanova»)

VAI SER POSTO À VENDA BREVEMENTE

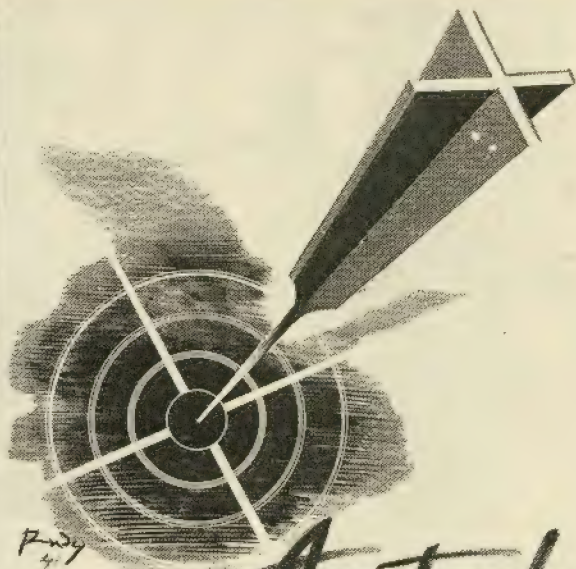
UM NOVO LIVRO DE **RAMADA CURTO**

«DO DIÁRIO DE JOSÉ MARIA»

É UMA EDIÇÃO DE «VIDA MUNDIAL»

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

VAI COMEÇAR A PUBLICAR BREVEMENTE UM GRANDE ROMANCE POLICIAL EM FOLHETINS

A ESFERA MISTERIOSA

DOIS GENERAIS DO EXÉRCITO IMPERIAL BRITANICO, Wavell, comandante-chefe das fôrças da India, e Auchinleck, comandante-chefe do Médio Oriente. Um e outro têm hoje encargos de vulto no esfôrço de guerra inglês. O primeiro colabora na defesa do Caucaso e da Birmânia; o segundo assegura a integridade do Egipto.

MUNIÇÕES AMERICANAS CHEGAM AOS PORTOS DO MÉDIO ORIENTE em grandes quantidades e são transportadas pelos nativos para os quartéis inglêses.

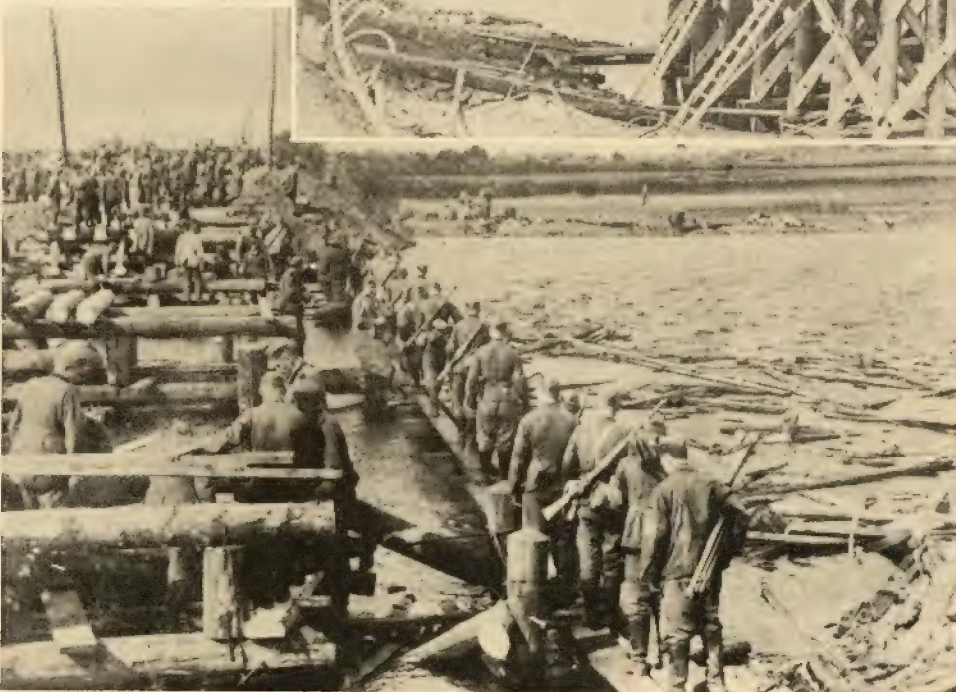
INAUGURARAM-SE oficialmente no Pôrto as novas instalações da União de Grémios de Lojistas. À sessão solene inaugural, assistiu o sr. dr. Trigo de Negreiros, sub-secretário de Estado das Corporações, que se vê na fotografia.

A RECEPÇÃO na Câmara Municipal do Pôrto à missão espanhola que visitou o nosso País.

ENTROU NO RIO DOURO, de regresso dos mares da Groenlândia, o navio «Gil Eanes». A foto mostra-nos o capitão-tenente Zoola da Silva, com as autoridades e o jornalista Jorge Simões que fêz a reportagem aos bancos da Terra Nova.

PROSSEGUINDO A SUA OFENSIVA nos vários sectores da frente, as tropas alemãs estão agora em frente de Moscovo e às portas do Caucaso. O sector de Kaluja tem sido um dos de mais violenta luta. A foto, que publicamos em cima, mostra-nos um aspecto do ataque à cidade. Uma peça de artelharia pesada está em posição de tiro.

A DIREITA: Um aspecto pouco divulgado da luta: o esfôrço dos pontoneiros na construção de pontes que se tornam necessárias ou que foram dinamitadas pelos russos.

EM BAIXO: Enquanto os pontoneiros alemães constroem uma ponte para a passagem das tropas, os homens dos Serviços Auxiliares do Reich atravessam uma passagem provisória para irem arranjar uma estrada que fica à rectaguarda.

Os alemães na campanha da RÚSSIA

O esforço de guerra dos ESTADOS UNIDOS

À ESQUERDA: Um grupo de pilotos americanos alistados voluntàriamente na Royal Canadian Air Force e prestando ali serviço na Escola de Treino n.º 18 exibem a bandeira da sua pátria, durante uma visita que Mackenzie King, Primeiro Ministro do Canadá, fêz ao aquartelamento. EM BAIXO: Uma formação de aparelhos «Martin», do tipo dos que são enviados para a R.A.F. do Próximo Oriente, no campo da fábrica, em Baltimore; o general Bonestell, comandante das fôrças americanas da Islandia, conversando com o general Curtis, comandante das tropas inglesas que ali se encontravam.

A última romaria: A feira das Mercês

DEPOIS DO SENHOR DA SERRA, em Setembro, a Feira das Mercês, em fins de Outubro, é a mais pitoresca romaria dos arredores de Lisboa. Naquela, come-se o bom melão, nesta, a carne de porco, assada em frigideiras de barro que nos fazem lembrar as lautas ceias de Natal das nossas províncias. O acontecimento foi êste ano, mais uma vez festejado pelos lisboetas que ainda não se apartaram do pitoresco destas festas e lhes dão assistência e animação. Ilustram esta página vários aspectos do buliço da festa, das típicas merendas cozinhadas à vista do freguês e logo ali comidas. Em baixo, um grupo de meninas que animaram a quermesse da festa e um trecho da procissão efectuada quando da realização da Feira. (Reportagem fotográfica Serra Ribeiro)

Monte Real

Estância de todo o ano em progresso incessante

Ali para os lados do Pinhal de Leiria, em balsâmico, aprazível parque de eucaliptos, pinheiros e muitos ajardinamentos floridos, existe a Estância Termal e Climática de Monte Real, outrora apregoada por romanos, freqüentada por reis e áulicos das nossas Côrtes a partir de D. Diniz e, modernamente, a mais progressiva estância termal portuguesa.

Olvidada por razões que seria longo expor, retomou a sua fama há quinze anos; e de tal modo, que o progresso incessante das suas incrições de freqüentadores chega a surpreender!

Registando em 1930, 555 inscrições, atinge em 1935, 1.196; e, em 1940, 2.028. É actualmente a estância de maior movimento termal no país. Esta nota basta para se avaliar da sua importância na nossa economia nacional.

Mas é interessante notar não depender êste extraordinário desenvolvimento de hábeis campanhas publicitárias: têm sido os próprios aqüistas o seu principal agente de propaganda.

Situada numa região particularmente favorecida sob o ponto de vista turístico — a dois passos de Leiria, Fátima, Tomar, S. Pedro de Muel, Figueira da Foz, Coimbra... — ela não cessa de se corrigir e alindar, para que as suas virtudes, cada vez mais afamadas, sejam apresentadas ao hóspede num ambiente cujo encanto esteja à própria altura dos seus méritos.

Um aspecto do Estabelecimento Termal, com o seu jardim.

Dificilmente se encontrará em qualquer parte do mundo lugar que reúna o útil ao agradável em proporções tão sensíveis. A água de poderoso efeito curativo nos intestinos, fígado, rins, artritismo e, secundàriamente, nas vias respiratórias, alia um clima tonificante, intensamente sedativo, que proporciona a cada um, quási sem dar por isso, um repouso recuperador de todo o corpo — pulmões, nervos, cérebro — e também das próprias almas sobrecarregadas de apreensões e afazeres.

O factor climático de Monte Real, até aqui só vagamente anunciado pela sua Junta de Turismo, mas conhecido e venerado por todos que ali fazem estadia, merece ser estudado atentamente. Repousar é hoje uma necessidade vital; mas importa saber quando, como e onde. Monte Real pode dar satisfação a estes três imperativos. E ainda bem que a montagem dum Pôsto Meteorológico é obra em andamento, pois êle vai fornecer dados científicos precisos que convencerão os mais cépticos.

É consolador assistir ao desenvolvimento inestancável e bem orientado de qualquer cousa nossa. Êste ano, Monte Real ofereceu uma notável ampliação do seu Balneário, perfeitamente planeado e dividido em zonas feminina e masculina. A secção de Agentes Físicos tomou instalações modernas; e o Laboratório de Análises ficou montado de harmonia com as exigências da Estância.

Por outro lado, o estudo de drenagem e aproveitamento dos campos do Lis está concluído e aprovado pelo Conselho Superior das Obras Públicas — e já orçamentado com a respectiva verba — devendo os trabalhos iniciar-se muito brevemente. Trata-se duma obra de transcendente alcance, tanto sob o ponto de vista agrícola como sanitário, porquanto vai tornar produtivos campos até agora incultos e sanear completa e definitivamente tôda aquela bela região do país.

Encerrada a «Época de Verão», iniciou-se a «Época de Inverno» — compreendida entre 10 de Outubro e 10 de Junho. O magnífico «Hotel Monte Real», que dispõe das comodidades do confôrto moderno em instalações para todos os preços, acende o seu aquecimento central. Mas a vida continua sem alteração ao longo da estação fria, mantendo-se todos os serviços de consulta e tratamento no estabelecimento termal.

Como distracções derivantes, além das diversas modalidades de turismo por estrada, podem ser ali praticados desportos especialmente indicados para quem necessita de repouso do espírito, tais como pesca, caça, footing, tennis, gimnástica ao ar livre, etc.

Um «Jardim Infantil» (com baloiços, montanhas-russas, trapésios) entreterá as crianças.

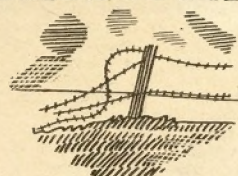
E não muito longe, fica o «Campo de Aviação» onde qualquer interessado pode exercitar-se para obter o «brevet».

Desta maneira, Monte Real oferece durante o inverno tantos atractivos como durante o verão, e facilita aos coloniais e emigrados uma cura durante qualquer época do ano — a época em que foi obtida licença ou é preferível vir por razões de clima.

Ficando apenas a três horas de Lisboa em automóvel, é, além do mais, um lugar de escolha para «Fins de Semana», recolhimento espiritual e férias lectivas.

Monte Real, estância de todo o ano, no centro do país, é um exemplo de esfôrço empreendedor, e uma grande regalia em Portugal. — C. COSTA PINTO

O magnífico edifício do Hotel de Monte Real.

AS TROPAS ITALIANAS *no sector sul* da FRENTE ORIENTAL

ASPECTOS DA PRESENÇA E DA ACÇÃO DAS FÔRÇAS EXPEDICIONÁRIAS ITALIANAS no sector sul da frente oriental onde combatem ao lado das tropas do Reich e dos países aliados. De cima para baixo, crianças russas admirando os aviões italianos num aeródromo da frente; um carro armado e um canhão anti-«tank» russos capturados pelos italianos; uma secção motorizada italiana atacando uma ponte de barcas; à direita, atravessando o Dnieper numa ponte improvisada.

A FESTA NACIONAL NORUEGUESA foi comemorada êste ano em Londres com várias solenidades. A foto que publicamos mostra-nos, durante uma cerimónia de carácter regional, um marinheiro norueguês junto duma sua compatriota, ali refugiada, que nêsse dia vestiu o trajo tradicional dos camponeses do país dos fiordes.